
**A FALA
GALEGO-PORTUGUESA
DA BAIXA LIMIA
E CASTRO LABOREIRO**

Integrado no Projecto para a declaraçom de Património da Humanidade
da Cultura Imaterial Galego-Portuguesa

I.E.S AQUIS QUERQUERNIS
BANDE - OURENSE

José Manuel Gonçáles Ribeira

ÍNDICE

I.-LIMIAR

II.- FICHA

III.-TRAÇOS LINGÜÍSTICOS

III.1.- O SISTEMA DE SIBILANTES DO GALEGO PORTUGUÊS DA BAIXA-LÍMIA

III.2.- A FALA DA BAIXA-LÍMIA E O GALEGO *ESTÁNDAR*

III.3.- A FALA DA BAIXA-LÍMIA E O PORTUGUÊS *PADRÃO*

III.4.- MAPAS

IV.- TRABALHO DE CAMPO

IV.1.- CRITÉRIOS DAS TRANSCRIÇÕES

IV.2.- TRANSCRIÇÕES

1.- AS FANTASMAS

2.- NENO TOLHEITO

3.- SONGOKU

4.- O BALOM NAS UVAS

5.- A ROUPA TENDIDA

6.- TRABALHOS DUM TEMPO

7.- OS FUGIDOS

V. CONCLUSONS

VI.- BIBLIOGRAFIA

I.- LIMIAR

Neste importante projecto transfronteiriço à procura da declaração de património mundial da cultura imaterial galego-portuguesa por parte da UNESCO, achamos que o nosso contributo pode ser paradigma mesmo do espírito do projecto. Umha fala específica que trascende fronteiras artificiais, máis para lá da unidade geral do sistema lingüístico galego-português. É, além disso, umha continuação do que no nosso centro de ensino estamos a tratar de desenvolver; a promoção dos valores da comúm cultura galego-portuguesa como nom podia ser doutro jeito num contexto geográfico, a comarca da Baixa Limia, determinado pola sua condição arraiana.

O galego-português baixo-limiao fala-se numha série de aldeas a ambos lados da raia pertencentes aos concelhos galegos de Entrimo e Lóbios e lugares limítrofes das fregresias portuguesas de Terras de Bouro e Castro Laboreiro integradas hoje no parque natural transfronteiriço de Peneda-Gerês/Xurês. Constitúe umha rareça, um vestígio vivo da fala medieval que abrangia desde o Cantábrico ao Mondego, que conserva traços insólitos como um sistema de sibilantes que já têm perdidos tanto o galego chamado “estándar” como, ainda que em menor medida, o português *padrão*. Numha primeira e inocente aproximação ao fenómeno parecer-nos-ia umha desviação dialectal, um híbrido fronteiriço dos respectivos estándar, mas com umha perspectiva mais científica, desde um ponto de vista histórico e filológico, seria a prova da existência dum único sistema lingüístico matricial onde essas falas, hoje *estándar*, seriam produtos da sua evolução em diferentes circunstâncias históricas e sociais. A sua extensom era maior no passado, como ainda hoje se pode apreciar nos concelhos mais próximos em aspectos morfológicos e sintácticos, nom assim nos fonéticos. E ainda, em lugares tam afastados como a Fisterra corunhesa ou Hermisende em Samora persistem características fonéticas e morfológicas similares. É curioso constatar a percepção dos próprios utentes de galego e português sobre esse gradente de traços característicos da fala que se acentuam quanto mais perto da raia estarem os lugares, así, na beira galega, os de Bande dizem falarem português os de Entrimo; e os de Melgaço falarem galego os de Castro-Leboreiro. E ainda, no próprio concelho de Entrimo, os de Olelas é que falam português segundo os de Terrachá. Para a academia da língua galega é galego dialectal a fala de Lobios e Entrimo; para a portuguesa, português arcaico a fala de Castro-Leboreiro,(integrada no grupo de dialectos de Alto-Minho e Trás-os-Montes). Como se umha raia traçada no mapa decidisse dar-lhe dous nomes a umha mesma cousa.

Nom se tratou de fazer um trabalho cientificamente riguroso, somos conscientes de que há importantes eivas no tratamento dos dados e na metodologia aplicada. Para além disso, achamos que nom é este o nosso alvo, mas o dos departamentos de Filologia universitários. Apenas pretendemos umha aproximação ao fenómeno da fala baixo-limiã, a partir dum pequeno trabalho de campo e da consulta da literatura existente sobre este fenómeno. Nom nos foi possível a consulta da pioneira obra do filólogo Schneider redigida em alemám, -da que por certo temos notícia que nesta altura se está a se traduzir ao galego. Contudo, temos constatado algúns traços interessantes da fala nom recolhidos em algúns trabalhos, como a palatalização do –s implosivo em posição final. Nom foi possível recollermos gravações da área de Torneiros no concelho de Lóbios polo que máis que falar de fala Baixo-Limiá, sería mais correcto talvez falarmos de galego-português Entrimenho-Leboreirao.

Lembramos que para a compreensom do trabalho é imprescindível a escoita das gravações efectuadas com que se acompanha este trabalho, que ficam em arquivos sonoros adjuntos nos formatos digitais Wav e Mp3. Também é necessário instalar na

carpeta C:/windows/fonts as fontes tipográficas aderidas para a reprodução dos caracteres do alfabeto fonético que aparecem no estudo.

Como se explica no apartado do Contexto Lingüístico é preciso revalorizarmos esta fala entre os rapazes, já que estes serám os seus últimos utentes devido á progressiva deriva da língua, geraçom a geraçom, até o galego *estándar* e o português *padrão*, devido à poderosa influência do ensino e os meios de comunicação. Da beira da Comunidade Autónoma de Galiza, existe o agravante da pressom do espanhol que empiora notavelmente esta situaçom já que empobreze e dialectaliza ao próprio galego *estándar*. Galego que devido a essa pressom está hoje situado no limite da desapareçom, tal e como a própria UNESCO já tem informado. A aproximaçom à lusofonia, mais do que nunca, é umha oportunidade para superar esta tendença e assegurar a pervivença do galego reforçando o seu carácter de língua extensa e útil. Todavia, no presente marco socio-económico da Euro-regiom Galiza-Norte de Portugal, a livre circulaçom de trabalhadores é já umha atractiva realidade da que se estam a beneficiar nom poucos galegos em diversos sectores como o sanitário. E estes rapazes, utentes desta fala, estão num ponto de partida óptimo para aproveitarem esta situaçom de oportunidades. Mas ainda existem prejuízos absurdos para esse achegamento, prejuízos reflexos de passadas épocas de miséria económica e cultural que é preciso mudarmos. Nisso andamos. Há já alguns anos figéramos um pequeno artigo sobre esta fala na revista do centro e quedáramos com ganas de aprofundar mais um pouco no tema. No presente curso 2004-05 a Língua Portuguesa como matéria optativa no 3º curso de ESO é já uma realidade e estamos tentando combinar com liceos portugueses achegados, algumas jornadas de convívio.

Nestas gravaçons e em boca dos nossos informantes recolhen-se, além de características lingüísticas onde se aprecia a alteraçom da língua dumha geraçom a outra, joias de transmissom oral como as fabulosas histórias que nos falam de condesas, fantasmas amigáveis e criadas perversas, também se recolhe o trabalho duro dum passado de economia de subsistência e as anedotas do quotidiano no dia de hoje. Mas, nomeadamente, a constataçom da solidariedade transfronteiriça que existiu num passado non tan afastado, quando os intercâmbios eram máis comúns, ía-se às mesmas feiras, às mesmas festas, os casamentos eram mistos e os moradores dumha e outra beira da raia eram mesmo parentes. Algo que ainda hoje podemos experimentar no nosso centro olhando os apelidos dos rapazes. Com certeza hoje a situaçom nom é a mesma e à mocidade está a lhe passar algo parezido do que à língua; tende a orbitar aorredor dos centros *estandarizadores* de cada Estado. Porém, este projecto conjunto pode contribuir a desenvolver a autoconfiança desta periferia de periferias, reivindicar umha visom alternativa á homogeneidade cultural e potenciar um futuro com personalidade própria, convertendo-a no paradigma mesmo da cultura galego-portuguesa.

Agradecemos a colaboraçom prestada polos informantes assim como polos rapazes e rapazas que realizaram as gravaçons, sem a ajuda dos quais nom havia-de ser possível este trabalho, que foram:

Tamara de Brito natural de Olelas (Entrimo), gravaçons 1, 2, 3, 4, 5, nos lugares de Pielas e Olelas.

Albertino Calleiros de Bouçadrago (Entrimo), que realizou as gravaçons 6 e 7 nos lugares de Bouçadrago e Ribeiro de Baixo (Castro-Leboreiro).

II.- FICHA DE RECOLHIDA

ENDEREÇO:

I.E.S AQUIS QUERQUERNIS

Rúa Outeiro s/n - 32840 Bande - Ourense

Tel: 988443157 – 988443546 - E-mail: ies.aquisquerquernis@edu.xunta.es

NÍVEIS EDUCATIVOS COM OS QUE SE REALIZOU A RECOLHIDA:

1º De Bacharelato e 4º de ESO

ANO ESCOLAR DA RECOLHIDA.

2003-2004

TEMAS QUE APARECEM NO TRABALHO.

- Filológicos: fala galego-portuguesa da Baixa-Limia Ourenã e zona de Castro-Leboreiro em Portugal
- Etnográficos: Lendas e contos de transmissão oral, situações da vida quotidiana, descrição de trabalhos no âmbito rural tradicional e narrativas de memória histórica

CARACTERÍSTICAS DA ZONA NA QUE SE FIJO A RECOLHIDA.

Zona interior de montanha com actividade agrícola e gandeira. Lugares: Pielas, Bouçadrago e Olelas no concelho de Entrimo comarca da Baixa Limia da Comunidade Autónoma de Galiza, e também, o lugar limítrofe de Ribeiro de Baixo na freguesia de Castro-Leboreiro, concelho de Melgaço, noroeste da região Alto-Minho em Portugal, ambos situados em terras do parque natural transfronteiriço da Peneda-Gerês/Xurés.

Para mais detalhes ver os estudos aderidos a este trabalho sobre o contexto geográfico e lingüístico.

RECURSOS E MATERIAIS EMPREGADOS PARA REALIZAR A ACTIVIDADE

Gravadora e microfita para trabalho de campo, medios informáticos e bibliografia para a análise de dados e elaboração posterior.

METODOLOGÍA QUE SE SEGUIU NA REALIZAÇÃO DA ACTIVIDADE.

Encomendou-se-lhe a um grupo de três alun@s; Tamara de Brito em Olelas e Albertino Calleiros em Bouçadrago no concelho de Entrimo e Maria Ángeles Maia em Torneiros no concelho de Lóbios, todos estes, lugares onde se fala essa variedade do galego-português, a gravação de informantes pertencentes a distintas gerações de falantes. Por desgraça as gravações correspondentes ao concelho de Lobios perderon-se. Por sorte Albertino Calleiros poido conseguir uma gravação do povo português de Ribeiro de Baixo para constatarmos esse *continuum* lingüístico.

Uma vez realizadas as gravações procedeu-se à transcrição das fitas sulinhando as características e traços salientáveis que os diferenciasssem do português *padrão* e do galego *estándar*, empregando uma codificação que se detalha no seu correspondente apartado.

SOPORTE EMPREGADO NA ACTIVIDADE.

A recolha dos registos fonográficos fixo-se em microfita mas o suporte definitivo com o que se trabalhou está em CD-R em arquivos formato Wav e Mp3. O trabalho está em formato Microsoft Word.

USO QUE SE LHE DEU AO RECOLHIDO.

Por enquanto, ainda nom se lhe deu aplicação devido a que está justo acabado de rematar. Talvez se poderia elaborar uma unidade didáctica audiovisual par podermos empregarla em aulas de galego ou português. Também se pode fazer uma adaptação e publicá-la na revista do centro.

III.-TRACOS LINGÜÍSTICOS

III.1.- O SISTEMA DE SIBILANTES DO GALEGO-PORTUGUÊS DA BAIXA LÍMIA E CASTRO-LEBOREIRO

Agrupam-se em três pares de fonemas fricativos:

- PREPALATAIS, surdo x [Σ] (*queixo*) / sonoro j, g [Z] (*queijo, gente*);
- PREDORSOINTERDENTAIS, surdo c [σ+] (*cervo*) / sonoro z [ζ+] (*cozer*), par que existe a carom doutra de fonemas interdenta surdo [T+] (*cervo*) e sonoro [Δ+] (*cozer*). Também temos registrado a predorsodental sonoro [z] (*cozer*)
- APICOALVEOLARES, surdo s [s] (*servo*) / sonoro -s- [ζΥ] (*coser*).

NOTA: Escotar arquivo sonoro *sibilantes.Wav* ou *sibilantes.Mp3*

Sibilantes presentes no galego da Baixa Limia que nom o estam no portuguê *padrão nem no galego estándar*

[Δ+] = Fricativo interdental sonoro. Semelhante ao *th* do inglês *this, that...doze*

[ζ+] = Fricativo predorsointerdental sonoro. Semelhante ao *th* inglês de *this, that.*; vizinho

[ζΥ] = Fricativo apicoalveolar sonoro: em posição intervogálica *cousa, os homens*.

III.2.- A FALA DA BAIXA-LÍMIA E O GALEGO ESTÁNDAR

Sibilantes presentes no galego da Baixa Limia que nom o estam no galego estándar

[Δ+] = Fricativo interdental sonoro. Semelhante ao *th* do inglês *this, that...doze*

[σ+] = Fricativo predorsointerdental xordo.: *Chouriço*.

[ζ+] = Fricativo predorsointerdental sonoro. Semelhante ao *th* inglês de *this, that.*; vizinho

[Z] = Fricativo predorsodental sonoro: port. *coisa*, Limia Baixa e port: vizinho

[ζΥ] = Fricativo apicoalveolar sonoro: em posição intervogálica *cousa, os homens*.

[Z] = Fricativo prepalatal sonoro: *gente, hoje*

[Σ] = Palatalização do -s implosivo em posição final: *filhos*, ou -s- antes de *c, t e p*

Algumas diferenças morfológicas e lexicais observadas a respeito do galego estándar

- Pervivência da forma *mas*, (ou *mais*, ou *ma*) sobre o castelhanismo *pero*
- *dizer ou dezer* e os seus tempos verbais concordante com o português sobre *decir*.
- *Nenhum* sobre *nengún*
- Advérbio *embora*.
- Emprego da forma do *fome*, sobre *fame*
- Formação da 1ª pessoa do Pretérito Perfeito Simples da 3ª conjugação como no português; *fui, collí* por *fum, collim*

Além disso existem muitas formas reconhecidas como ben galegas (as únicas formas realmente galegas, sendo as outras interferências do castelhano) pola normativa oficial, más cuja extensom actual fica muito reduzida, embora sejam comúns em português, e a sua área de extenssom na Baixa Límia vai mais longe dos concelhos de Entrimo e Lobios, extendendo-se por toda a comarca, nomeadamente entre a gente de máis idade.

- Dias da semana por feiras; *segunda feira* (luns), *terça feira* (martes), *quarta feira* (mércores), *quinta feira* (xoves) e *sexta feira* (venres), por vezes omite-se a palabra *feira* e apenas se diz o numeral.
- Expressoms como *pronto!* (listo, preparado)
- Adverbios de lugar, *cá, lá,*
- Emprego de verbo mais preposiçom como: Ter + de: “Tenho de ir lá” (quças esta seja a menos estendida), começar + de comer; comer + en algo; falar + en (cousas ou pessoas): “Começaram de comer no año e a falar en ti”, “Ontem falaram na política”, estar + a “Ontem estuvemos a misa” (assistimos a ela), chamar + por (alguém): “onde vai a tua irmã?, chama por ela!”
- Uso continuado no imperativo do verbo olhar na sua 2ª pessoa de singular e plural, na expressom de apoio lingüístico; *olha!* e *olhai!* como o seu equivalente castelhano “a ver!”, “mira!”, por vezes acompanhada do adverbio de lugar cá, lá: *olha cá!*
- Expressom *moito bem!*, embora empreguem noutros contextos *mui* ou *moi*
- Expressom *ao leu* (despido, nu), “nom é bem andar “cas” pernas *ao leu* no inverno”
- Usos do verbo *ser*. “Hoje *está* calor/frio” (por *vai* calor/frio), Substituiçom da conjunçom afirmativa *sim* “Ontem *é* (sim) que comim” (Neste caso no sentido de *ontem comim muito*), “Tú *é* (sim) que és parvo”. Para enfatizar umha pergunta depois dum advérbio; “ Quando *é* que marchamos?”, “Como *é* que te chamas?”, Onde *é* que foches?”. Situado antes duma oraçom causal a construçom *O que é que* (o que ocorre é que) para reforçá-la “*O que é que...*tú nom queres fazê-lo”, “*O que é que...*comera de mais”,
- Uso do substantivo *bem* com o verbo *ser*; Substituindo-o por *bom* “Era *bem* dizer-lho” (neste caso co sentido de *seria bom dizer-lho*). “Ele *nom é bem*”, (ele está tolo).

Respeito à sintaxe som muito habituais as construçoms de frases subordinadas por conjunçoms ou preposiçoms colocando-se o pronome átono obxecto directo ou objecto indirecto antes da negaçom; “se *lhe nom* figeras caso”, “ por *me nom* dares a razom és capaz de tudo”, “dixo de o fazermos quando *me nom* apetecia”, “pediu-me de *cho nom* dizer”, também se da em oraçoms interrogativas; “Por quê *lhe nom* deches as chaves?”. Também se observa em subordinadas afirmativas com advérbios ou conjunçoms: “Figem-no *quando me eu* casei”, “Olha *onde se el pujo* a cavar!”. Com certeza estas nom som características exclusivas de esta zona, também se produzem noutras áreas onde ainda se fala um bom galego. “É por iso *que che eu* digo”

III.3.- A FALA DA BAIXA-LÍMIA E O PORTUGUÊS *PADRÃO*

Sibilantes presentes no galego da Baixa Límia que nom o estam no português *padrão*

[T+] =Fricativo interdental surdo. Como a z em espanhol.

[Δ+] = Fricativo interdental sonoro. Semelhante ao *th* do inglês *this, that...doze*

[ζ+] = Fricativo predorsointerdental sonoro. Semelhante ao *th* inglês de *this, that.*; *vizinho*

[çY] = Fricativo apicoalveolar sonoro: em posiçom intervogálica *couça, os homens*

[s]= Fricativo apicoalveolar surdo, *sete*, no português *padrão* tende a pronunciar-se [σ+] (Fricativo predorsointerdental surdo) ou palatalizá-lo em [Σ] em posiçom final: *filhos, fez*

As apicoalveolares e as predentais si estam presentes nos dialectos de Alto-Minho e Tras-os-Montes.

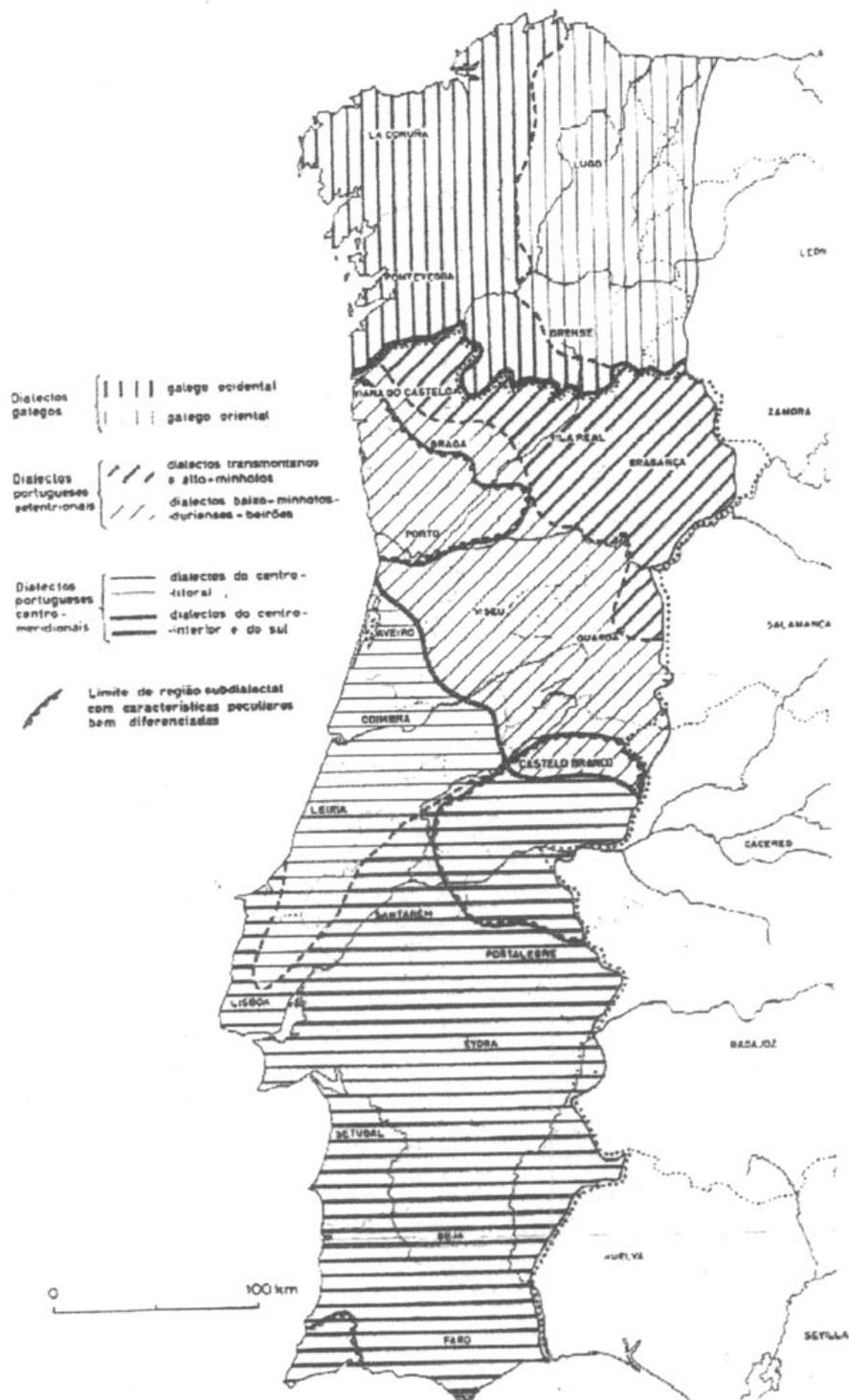
Traços fonéticos, morfológicos e lexicais distintivos respeito ao português *padrão*

- Inexistência de oposiçom entre os fonemas [v] e [b]
- Pronunciaçom do grafema *ch* como no galego [tΣ] e nom [Σ] como no português *padrão*
- Pronunciaçom [N] nasal velar ou velarizado sonoro do *n* do artigo *uma*, e as súas contracçoms com preposiçoms, como no galego *estándar*.
- Formaçom dos finais de palavras em *-om* e *-am* em vez de *-am* ou em *-am* em vez *-ão*, como na formaçom do Pretérito Perfeito Simples que se fai como no galego *estándar*: *comerom* e nom *comeram*, ou no Futuro simples *comeram* e nom *comerão* ou na conjunçom negativa *nom* em vez de *não*
- Plena vigência do Pretérito-mais-que perfectum (eu *caira, eu vinhera*), em desuso em português

- substituído por outras formas (eu *tinha caído* ou mesmo *havia caído*)
- Formação do Pretérito Perfeito Simples de algúns verbos como no galego; (ele *dixo*, e nom *disse*), ainda que há umha importante inestabilidade nos tempos verbais e em ocasons empregan-se em português.
 - *Colheches* por *colheste*,
 - O ditongo *oi* passa a *ou* em *dois/dous* e *coisa/cousa*, como no galego *estándar*.
 - Pronome *che* por *te*
 - O adverbio *também* fai-se como no galego; *tamém*
 - A contracçom da preposiçom e artigo por + o, *pelo*, fai-se como no galego, *polo*
 - Adverbio de tempo *quando*, passa a *cando*
 -

Com certeza há-de haver muitas mais, mas estas som algumas que temos observado nas nossas gravaçons.

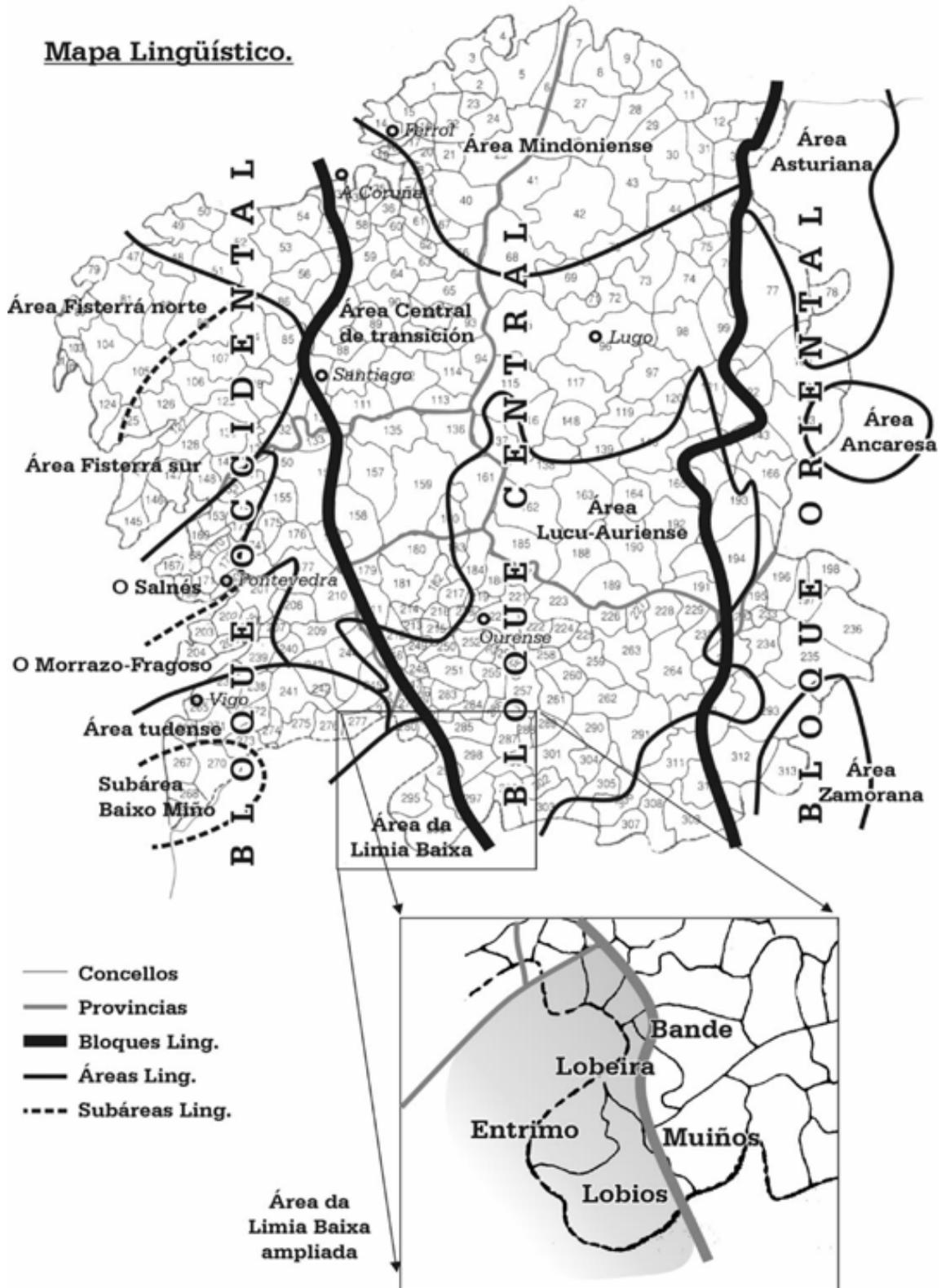
III.4.- MAPAS



Mapa 2 - Classificação dos dialectos galego-portugueses

FONTE: LINDLEY CINTRA, Luis F., «Nova Proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses», *BF*, 22, pp 81-116

Mapa Lingüístico.



FONTES: Elaboração própria a partir de F.Fernández Rei e outros

IV TRABALHO DE CAMPO

IV.1. CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO

Para que a leitura resulte cómoda a alguém nom familiarizado co alfabeto fonético internacional adoptou-se outra soluçom.

Apesar de tratar-se da mesma fala a ambos lados da “raia”, sem qualquer dúvida tal e como se pode comprovar nas gravaçons, e para evidenciar que a ortografia é umha questom puramente convencional, mais sujeita a critérios políticos e sociológicos do que científicos, criando divisons linguísticas artificiais, decidiu-se transcrever as gravaçons nºs 1, 2, 3, 4, 5 e 6, realizadas nos lugares do território da Comunidade Autónoma Galega coa normativa do ILG com modificaçons orientadas a perceber as sibilantes e aplicou-se substituiçom vogálica nos casos de feche das mesmas. A transcriçom da gravaçom nº 7, correspondente ao território do Estado Português realizaron-se coa norma *padrão*, da que se adjunta um quadro de equivalências fonéticas a respeito do galego *estándar*. Em ambos os casos respectaron-se as contracçons de preposiçom e artigo, para pô-las em evidência e sulinharon-se traços fonéticos e léxicos de interês.

Para a transcriçons das fitas, feitas em norma ILG modificada, a equivalência dos grafemas empregados e o símbolo fonético é o que está a seguir:

s = [çʏ] Fricativo apicoalveolar sonoro

ç = [σ+] Fricativo predorsointerdental xordo

z = [z] Fricativo predorsodental sonoro

z̄ = [Δ+] Fricativo interdental sonoro ou [ç+] Fricativo predorsointerdental sonoro.

J = [Z] Fricativo prepalatal sonoro

g seguido de *e* e *i*, [Z] Fricativo prepalatal sonoro

x = [Σ], fricativa prepalatal xorda antes de *p, c* e *t*

gh = [h] gheada suave.

Equivalência fonética de algúns grafemas em português *padrão* e galego norma AGAL, para as distintas áreas lingüísticas:

	Português padrão	Baixa Limia, Hermisende, Tras-os-montes	Rias Baixas, Fisterra, <i>estandar</i>	Galego
ç e c antes de i e e	[σ+]	[σ+]	[σ+][s]	[T+]
s entre vogais	[z]	[z] [çʏ]	[s]	[s]
ss	[σ+]	[σ+]	[σ+][s]	[s]
(n)s	[σ+]	[σ+][s]	[σ+][s]	[s]
s(t), s(c), s(p)	[Σ][s]	[Σ][s]	[Σ][s]	[s]
z	[z]	[z] [ç+][Δ+]	[s]	[T+]
x entre vogais átonas	[z]	[s]	[s]	[s]
x precedido de vogal tónica	[σ+]	[σ+][s]	[s]	[s]
j	[Z]	[Z]	[Σ]	[Σ]
g(e), g(i)	[Z]	[Z]	[Σ]	[Σ]
ch	[Σ]	[tΣ]	[tΣ]	[tΣ]
v	[v]	[b]	[b]	[b]
â, ê, ô = vogais fechadas em posiçom tónica				
á, é, ó = vogais abertas em posiçom tónica				

IV.2.-TRANSCRIÇOS

1.-AS FANTASMAS

Lugar: Pielas (Entrimo)

Sexo: Mulher

Idade: 79 anos

Sexo: Home

Idade: 82 anos

Professom: Jubilados

- Era unha condesa i un conde e figeron unx fillo_x, mais como eran irmá_x figeron parede in dobre i metéronos dentro daquela parede,... murreron i quedou a casa sen ninguén... começou para lá ir os veziños vivir, ma non pudían
- Non porque...o demo alí...
- Non porque começaba alá a andaren a_s mesas soziñas...a fechárense as portas i a abrílas...tudo andaba.... , fechábase tudo
- Andaban nos almarios abríanse sos fechábanse sos..
- E bueno ...e a muller so coidaba o pasillo do fundo o do primeiro pi_so porque pra riba nen pra dentro das habitações nen entraba. Fóronse i comprarom a casa e disseron olha venderonos a casa a un preç_o, dise, tan barato... pero... tiña unha rapaza mai_x pequena, mai_x nova
- Coma tí así máis ou menos
- I as fantasmas ían onda ela pero ela non tiña medo vivía coela_x, vivía coela_x, coas fantasma_x,non tiña medo i el aparecía...”lo vello”(?) i dezi_a “tú non me te_s medo” dis “não” “pero son unha fantasma” “pero eu non teño medo ás fantasma_x” dise ela, i el non ía onda o_x pa_ix dela, ía só onda ela e depois apareceu a condesa i o condeso...
- I o condeso...!
- i o conde...
- ... a condesa io condeso!
- tamén ía onda rapa_sa aquela i ela sentábase onda cama a falar coela_x, i ele_x desaparecían asin da frente dela e dezi_a ela “já vos fostes, desapareç_etx como o fumo, já vos fostes, desapareç_etx como o fumo ” ... i naquilo preguntou-lo un veziño, que aquela casa está sola mais depois hai a cidade. Dise “vos vivedes bein eí nesa casa” “vivim_ox”, dise “e non hai fantasmas”, “que vai haber fantasmas “non hai fantasmas nenhumas e fazemos festa_s e tudo”. Chamaba a moçidade pa fazer ahí festa_x i as fantasmas andaban nas festa_x, pero os outros non a_s vían, só a_s vía ela e agarrábase a iles a baillar e tudo e dezi_a ela,.. e a familia dezi_a “hai tanto_s barullox nesta casa, hai tanto_s barullox, hai tanta_s coisa_s nesta casa es que aquí dentro destas paredes choran crio_x e dezi_a a filla, “que va! son cou_sas qu’el parece aquí non hai nada desas cou_sas” e dezi_a ela así “pra qu’hei temer ás fantasmas s’ela_x non me fai mal i extamo_s nunha casa de luxo i tan barata,... non.. que veñan pronda min que eu non teño medo que non me fai mal”. I onha noite expertou e estaba a fantasma vella deitada á beira dela, i ela foi e pasou lá a mau na cara e dise “tu ... non e_s un home” dis “pois não, eu son unha fantasma” “pero eu non te teño medo” pra que te deita_s aquí á minha beira” “pra que estou a descansare” “a bueno, pois descansa, descansa, descansa praí quanto queira_x pero eu non vo_x teño medo así que...bueno, e lovaron unha muller..., levaron unha muller pra correlo_s dalí, porque os pa_ix já viron quele_s que andaban ali, pero a muller cando viu a escada ... subiu a escaleira pro segundo pi_so, po primeiro vá, calí era o baixo, cando viu aquela porra toda a andar e aquilo todo a andar sen lle ela tocarpola porta afora cos braço_s abertos a berraren e a fugire...depois levaron un home, levaron un home tamén pra ... pra fager iso, pero o home resultase que chegou alí i tamén leu, tamén leu mas começaron aquelas fantasma_x, que estaban aquelas figura_x que estaban na_s parede_s a se mover i a baixar prabaixo pró pi_so de onde estaban das parede_s e el foi cun pau, inda exchangallou duas figura_x daquel_a, ma_s viuse atrapallado e disse-lle, já non fago mais nada vou tamén, ou vivan coela_x ou chamen un cura que que lle deiten iso daí prafora e depoix por fin foi un cura...e trazentou aquilo para fora dalí e a moça quedou con pena..dezi_a ela, “ e eu estaba aquí tan bein, porque eu tiña compañía día i noite, tiña moita compañía dia i noite i así agora ja non teño compañía” ... i o vello choraba, a fantasma vella choraba por ela...dise “eras tan bo e non tiñas medo nenhum i eu extaba in paz i agora ponde irei i agora ponde irei, bueno, e acabou asin aí, acabou asin nese resultado.

2.- O NENO TOLHEITO

Lugar: Pielas (Entrimo)

Sexo: Mulher

Idade: 79 anos

Sexo: Home

Idade: 82 anos

Professom: Jubilados

Había entón un conde i unha condesa e caşáronse ... tiveron un fillo, tiñan muitox criados e muitax criada_x ...

- Sí, sí, ieu tamén estaba alí..

- ... “...e acabaron e tiveron fillo... pero que figeron as criada_x?..., meteron o fillo nunha habitación e dábanlle un baño d’herba_x por que o moçoño non andar... i,i,..io pai i a muller morreue, a nai morreue i o home saía pra longe, saía pra muito longe..cun coche... saía pra muito longe... traballar ou non sei fa_zer o que. Bueno..

- Á boa vida...

- E viña e ele preguntaba por o fillo e ela dise “está a durmire, está mui ben, está a durmire”. Il nunca vía o fillo..bueno.

Ai o fillo, que non podía vere a lu_s do día, tiña tudo çerradiño, o pai eí abaixo, mais estaba tudo çerradiño e o inocentiño ó durmire, alá ía a súa vida o outro día.

Andaba alí un rapá_x cunha_s ovella_x... e foise chegando pralí i tiña alí un ghardín que ninguén lá ía, que era o ghardín da condesa, ninhén lá ía... i i vaille o..o rapá_x foise chegando pralí, chegando pralí, i entrou, i entrou polo ghardín da condesa i entrou por unha ventana ..prondo o rapá_x ...e chegou lá i falou pró rapá_x; ...“I tu por qué non saes”, “Eu non podo saír, porque a patroa non me deixa, as criada_x non deixan saír, i eu que non podo andar, nin apañar a lu_s do día.”, dis “anda comigo que imo_s alí ver aquel ghardín, que tein tanta_s planta_s, tanta_s flore_x tan bonitas”, “ai é o ghardín prohibido!” dis “ pois imo_s alí,..ponte a pé!, levántate!..”. O moço levantouse, vestiuse, saíron pró ghardín, saíron dois pró ghardín i estiveron alí a ver aquelas cousa_s, aquel tudo, mas sentiron as criadas e o moço tornou entrar pola ventana e çerrou a ventana e meteuse na cama i o outro saíu ponda_s ovella_x, bueno.. a outro día volviron, seguiron así unha semana ou dúas, agiña a ir pralí ou_s dois entreterse e a_s ovella_x quedaban pralí naquíl monte...até que un día chegou o pai, chegou o pai i foi ver o rapás, ..i o rapás non estaba, o rapás non estaba,.. dise... e saíu pra riba e non dise nada ás criada_x. saíu pra fóra i vai , o sentiron, o rapás foi pra cama i o outro saíu pra fóra... i dise...il asín praquel rapá_x “Tu non vistes por aí un rapá_x tulleito andar de rastro?” dise...”Non, eu vou pronda un rapá_x que está aí na súa casa, ca anda mui bein, anda mui bein i fala mui bein, saimo_x praquel ghardín”, “I como destex coa entrada?”, “Foi un paxariño que...mo dise da entrada, foi un paxariño que me dise da entrada, i eu entrei por alí, porque tiña a entrada cuberta d’hedra_s i asín, non se vía...” dise, “...i así eu entrei...”, (chégate pra lá zé, vái, chégate pra lá...)...

- (Carallo vos foda...)

- ...”...i eu entrei, eu entrei por unha ventana pronda o rapás, i o rapás anda, i fala, i sai pra fóra, i entra, ma_x tein que ex_tar na cama cando vain as criada_s onda ele, senón má_tano”, “Ai, sín, sín!”, “E a qué hora_s va_x ponda ele?”, “A tal hora”. O Patrón fixillo(?) embora e non foi, ... o conde ... fixillo(?) embora e non foi, e elax foron, foron dar o baño, foron dar o baño, diséronlle “Imo_x bañar o rapá_x, el, el non pode ver a lu_x, temo_x que bañar ás ex_{cur}a_x”, “Bueno pois ide”, e elax foron bañar o rapá_x e o rapá_x a aquela hora saíu por a ventana ponda o outro foi ponda ele e o patrón agarrou foi de volta i entróu ponde tiña entrado o rapás po ghardín, i púxo alí a falar coe_{le}s”, dise “Tú por qué non andas, tu por qué non sae_s i non andas?”, “Porque a fulana, a criada máis vella que alí había non me deixa, dime que se saio que morro i eu já estou cheio de saír e inda non morri, já estou cheio de saír e inda non morri ”...”E quein é que te tirou praquí?”, “Foi exte...”..(non sei como raio se chamaba), “...foi exte que me tirou praquí e agora ieu...”, dis, “Pois entón, vamos! Saíde prá fóra do ghardín”,..saíron , foron de volta por a porta prá casa e as criada_x estaban toda_s..., alí, xuntáronse cuatro ou çinco, nova_s i vella_x todas sentadas... i entón o home que cuidaba o ghardín tamén estaba pralí ille, i vai o, ...el chegou alí co fillo i co rapá_x da_s ovella_x i elax ficarom así a ollar toda_s , i diseron pó rapá_x da_s ovella_x: “habíamo_xte matare ca nos tirastes o noso pan”, dis, “por qué”, “pra que tiñamos o rapás asín i nós saíamo_s , aquí está traballábamos asin e asín agora non podemos traballar”. Dixo o patrón: “Agora vouvos meter a todos na cárcel, vouvos meter a todos na cárcel porque tiñas meu fillo enganado, já con onze ou doze ano_x, enganado nunha cama, eh? ... obrigábano a estar nunha cama se non vein este rapá_s e se dá conta que extaba alí dentro...” depois já foi, ...el saíu ma_is o rapás quedou o patrón a rellar coela_s e el, saíu ma_is o rapás a correr por alí fora prá_s ovella_x que tiña as ovella_s i un cabalo lá máis largo nun monte e foron palá os dois e pois el.. vieronse dacabalo do cabalo pa porta i ele a empontar as criada_x pra non ter que meter na cárcel: “saide_x toda_s

d'aquí fóra non queda ninhunha a andar.... todas já embora d'aquí pra fóra!” E polas a andar , depois elas choraban: “Alá foi o noso pan ... i foi fulano que nos deu cabo dele”. E depois ex_{ta}ba todo contente, todo alegre co fillo i co outro rapaziño das ovellas que o levou pra lá ponda ele ... dise: “Tu agora levas as ovellas á casa i ó acabar entrégalas á túa gente e tu veis praqui ponda o meu fillo i é_x compañeiro dele”. I acabou así.

Comentários:

Estám presentes todos os traços fonéticos e léxicais da fala baixo-limiã

Presença de algún castelhanismo léxico

Dúvida entre *Il/ele, así/asím, pero/más, dous/dois*,

Hai *gheada* selectiva, apenas em *ghardín* e cambio de sibilante em *condesa* que pasa de[ç(] (a natural desta área coa ç nessa posiçom) por [s] devido en ambos casos, talvez, a castelhanismos que passaram pola transmissom oral do conto, do mesmo jeito que passa nos romances. No caso do *ghardim* ao nom ser um concepto patrimonial próprio dumha zona rural (lá há hortas, quintas, fragas, etc...mas nom jardíns) é bem compreensível o seu carácter de empréstimo léxico.

Adopçom de tempos verbais em português, *vierom* (port. *vieram*, galego *vinherom*), *viste* (*viche*), *foste* (*fuche*), *dise*(*dixo*)... Neste último caso, pronunciado com [çY] (Fricativo apicoalveolar sonoro), fazendo que soe como *dis*, e nom como o *disse* do português padrão com [σ+] (Fricativo predorsointerdental surdo). Como som tempos verbais que mesmo em zonas portuguesas de esta fala nom se ajustam ao padrão português, senom ao do galego (ver informante da gravaçom nº 7) temos de pensar que esta informante tem ou tivo um forte contacto com outras áreas de português, ou bem em que, do mesmo jeito que os castelhanismos, sejam traços recibidos polas características de transmissom oral da lenda, talvez originária de território português.

Oscilaçoms fonéticas *do -s* de rapaz, *rapá[s]*, *rapá[ç]* (por vezes é muito difícil diferenciá-los). Quando a seguinte palavra começa em vogal pronuncia-se *rapa[çY]* Fricativo apicoalveolar sonoro. Algo similar se passa com a palavra *ovellas*, ou *coelas*, que mudam a pronunciaçom da sibilante a final de palavra, según os casos.

3.- SONGOKU

Lugar Olelas (Entrimo). 17-06-03

Sexo: Mulher

Idade: 71 anos

Professom: Jubilada

Sexo: Home

Idade: 10 anos

Sexo: Mulher

Idade: 16 anos

Professom: Estudante

- Luis ven eiquí
-
- ven eiquí..
-
- pois ven
- Luis e logho...cando tu vas esperar o coche ás oito e cuarto já está aí ?
- non!....
- às oito e meia..
- daiquí a que ven inda podía ver o “songoku”, inda podía estar aí no sofá

- pois e tu non dis nada !
- claro, pois iso telo que dezer así já quedas aí
- pero a abuela dime; “son horas, lisca”
- ah pois eu levantote ás oito e cuarto!
- porque se non lle dis nada, a abuela mándate ás horas antes
- agora levántaste ás mesmas horas que antes
- tú dime así, “abuelita eu teño que coller o autobús ás oito e meia”, si o tés ás oito e meia, eu levántote ás oito e cuarto
- claro!
- si, e que eu quero ver o songoku
- aí o songoku, despois perdes o autobús e qué.....a que hora che empeza o singoku
- eeh..ás oito..
- inda che dá tempo
- a ver songoku?...
- (...)
- ...que se levante ás oito e pronto!
- A mín levántame ás oito que quero ver songoku
- e senón levántaste tú, non te levantas ós fins de semana tamén para ver a tele?
- ¡ que?, pero...
- tamén te podías levantar durante a semana que non che caía o cú
- pero...
- (...)
- ah caramba!
- Porque me gusta durmir e veño cansado de estudar porque me doe a cabeza
- No tú estudias...
- é verda que non tés cabeza
- E non tés cabeza porqué? ...porque acaba de comer,...prá fora joghar, acaba de ver a televisión, prá fora joghar, está todo o día a joghar...
- Mintira...
- E logho non estiven a estudar eu?
- Cando?
- Inglés..
- inglés aí !

4.- O BALÓN NAS UVAS

Lugar Olelas (Entrimo). 17-06-03

Sexo: Mulher
 Idade: 71 anos
 Professom: Jubilada

Sexo: Home
 Idade: 10 anos

Sexo: Mulher
 Idade: 16 anos
 Professom: Estudante

- Aghora o que tés é que porte a estudar e mas nom é a joghar ó futbol
-
- Non tés hoje mas ó mellor tés mañá...e así estudiabas hoje a lección e mañá ja a sabias
- Ai Toni!! ..cóllemo!!
- Como te veja a abuela...non berres...se ve a abuela que lhe tiraches enriba ás uvas... máatate amigho!
- E se non me mata..?
- Non, non, tú jogha coela que verás...
- ora non lle chegho
- Pero se és a mais forte que hai..

- Non teño forza
-
- oh! Ja vou!
- Luis non lle chegho
- Sí que lle cheghas
- Como queres que lle cheghe oh..?
-
- Aora non baixa,.. está entalada!
- Olla as uvas todas no chau
-
- Olla queda aí e vai buscar outro balón...
- Non
- Mas deiquí non sai..!!!
- Non teño máis
- ...
- Entalouse o balón na... nas nosas uvas
- E que..?.
- A Tamara que as tira todas no chao
- E eu téñolle culpa, ...ou...!
-
- ...e as que caíron..
- e apañámolas e “comer e ciscar”
- aí por Dios, por Dios...

4.- O ENTERRO DO SAPO

Lugar Olelas (Entrimo). 17-06-03

Sexo: Mulher
Idade: 71 anos
Professom: Jubilada

Sexo: Home
Idade: 10 anos

Sexo: Mulher
Idade: 16 anos
Professom: Estudante

- Olla un sapo!
- O qué é iso?
- Un sapo! Olla qué bicho rapás.
- Olla hai un sapo alí embaixo
- Oh, mas está morto..
- No..sí..,
- ...no está morto, está.
- Estoupou ou calquera cousa
- Olla para onde o vás botar...eh..!
- Non o vou botar pra ningures, vou ver se está morto ou está vivo
-
- - Caramba!...oh (e)stá a refrescar (e)stá...
- Pugéchelo?
- Ah..! Quítamo deiquí!..
- Abriche a porta?...Abre a porta!..
- Hai unha tela de araña
- Estaba morto aí dentro
- Estaba morto?
- Nós ímolo enterrare

-
- Luis traime un sachó!
- Luis para quieto non sejas porco
- Debeu estoupar ou calquera couça
- Luis home bo!
-

5.- A RECOLHER A MANTA.

Lugar Olelas (Entrimo). 17-06-03

Sexo: Mulher
 Idade: 71 anos
 Professom: Jubilada

Sexo: Home
 Idade: 10 anos

Sexo: Mulher
 Idade: 16 anos
 Professom: Estudante

- Mamá, recollo a manta?
-
- Recollo a manta do balcón?
- Que lle poño pinzas?, pero ela está seca!
- Entón..
- Vouna recoller está seca e vai caír do balcón embaixo!
- No.. pujolle unha pinzasque esto dá glória!...millor era tirar coela toda prá baixo!
- Marcha prá casa!
- Está seca está ...sí...agora haina que dobrar...vou fechar a porta do balcón, ca entra aire... e já está.
- Hoje parece que refrescou esta noite ou...non sei porqué, mas...
- ...
- Eu vou lavar a louça
- Qué..?
- Vou lavar a louça
- E tú vai por un pantalón largo
- Non quero!
- Abuela, aghora collo o cobertor do balcón, si porque uste pujolle pinzas mais,.. co ar que fai hoje ighual vai do balcón embaixo, ...e despois ímolo buscar ó couço dos porcos...si...

Comentários:

Nesta série de gravações de cenas quotidianas é que se podem observar de jeito simultâneo várias gerações dumha mesma família e apreciar-se umha perda paulatina de traços, quanto máis novo for o informante. E ainda é mais significativa se a comparamos com as gravações efectuadas no lugar de Pielas.

Um apontamento curioso; nas novas gerações esta-se a introduzir (junto a outros traços) umha gheada atenuada, ausente até agora nesta área embora sim seja de uso común no concelhos limítrofe de Moinhos que sim a têm plena com som de h aspirada.

6.- A VIDA NUM TEMPO

Data: 7-05-03
Sexo: Mulher
Idade: 80 anos
Professom: Jubilada
Lugar: Bouçadrago, Entrimo

Pra excola ja faían ir coas vacas e coa res, despois desde que saín da escola andaba cunha aixada coa minha irmãna a vesar nas terras e despois derde que acabaron, derde que deron mineiro tuven que andar no mineiro arriba e abaixo todo o tempo porque había que...nós botabamox liño, botabamox patatas, botabamos... de todo, liño e patatas e millo e fabas e de todo... no mineiro quedei enterrada ai mais de dous metros enterrada e despoise cuando estaban preto de chegar onda min pois dixeron andar con coidado que senon podémola partire (...)

Os mestres tratábanos ben que nunca, eu nunca lovei unha bofetada dos maetrox, a todo o silabario, catón, raías, cuentas e de todo...

Os bailes e viñan as juventudes de moitos sitios pra aquí, pro noso pueblo por que ca de día tiñamos que traballare...

Primeiro sementábase, e despois..había que lle escoller a borda que tiña por-o medio e despois desde que se arrincaba ripabase cun ripador e despois levabase ó corgo por que ablandase e espois mazabase e esois cocabase? E despois estalábase e despois asedábase e despois fiábase e despois metíase no tear ...faíase tamén ganchillo con algodón colchas e de todo.

Comentários:

Esta comunicante tem já muitos castelhanismos fonéticos e léxicos, ainda assim, ainda conserva o s intervogálico apicoalveolar sonoro sonoro -s- [çʎ] quando existe -s a final de palavra e começa a seguinte com vogal; mas duvida o s final que soa como palatal [ʃ], cumprindo-se nuns casos embora nom o faga noutros e soe como [s] apicoalveolar surda.

7.- OS FUGIDOS

Sexo: Home
Idade: 78 anos
Lugar: Ribeiro de Baixo, Melgaço
Data: 7-05-03

- ...e entom estuverom.....numha ocasiom um... era eu rapá novinho..porque as autoridades portuguesas tinham que os prender ..tamém..eram mandadas polo governo para os arremeter á Espanha. E um que era d'A Ilha botou-se ao rio..niste río...a fugir-lhe aos portugueses e atravessou o rio e fugiu pró outro lado....um espanhol fugido. I ... e bueno...i outros, tú vês acolá aquela carbalheira daquel monte, estuveron ali seis meses numha lapa debaixo dumha fraga, chamámos-lhe nós umha lapa, debaixo dumha fraga, hai ali umha corga grande e estuverom ali fugidos...Ouuh! e talvez até perto do ano, alí fugidos, claro, eles tinham que comprar a comidinha pra comer, mas tuverom que estar alí para fugir às autoridades, compreendes?...é por eso que che eu digo que aquí passarom (...)....mui mal cando a guerra... e passámo-la nós tamém!!..que era eu pequenotinho havia que, chegado o caso, andar cumhas zoquinhos de pau e correas, de inverno
- sei, sei como som...
- o carâmba.... aquilo...bueno ...olha..porque tudo o que pudesse passar prà Espanha, ia prà Espanha, claro, tinha uma miséria moito grande porque a guerra durou para aí dous anos
- dous anos e meio...
- ou isso..
- ...case três..
- bueno..i nom havia lá que comer...entóm o milhinho ía para lá, entendes?... o milhinho ía para lá ...e aquí nom havia...pronto!...porque ao ir para lá, falhava aquí, compreendes ?, aquilo alí foi uma miséria, já che digo, se for, se a gente vai a contare....bom...depois, bom.(.....)....e eu... cando prenderom os espanhóis prenderon-os alí, e o caminho vem por ali e vinha um caminho porque prá baixo e asi aquí nesta voltinha foi onde se juntou o povo..., a capelinha está ali abaixo e tocou-se

o sino, tú sabes o que é o sino?...juntou-se aquí e eu tamém tinha um tio que era tamém destes que nom era, nom tinha medo e assim que ouviu a campana veu para aí para arriba de....Eu tinha uma mãe..e as autoridades espanholas aquí!...(..) e pararon aquí nesta voltinha,..eu tinha uma mãe que se pôs à frente das autoridades espanholas e dixo “de aquí nom passam!”..e eles coas espingardas: “que a mato!” mas é que eles nom podiam disparar para os portugueses...compreendes

-

- ooohai que nom!,... nom podiam!...e o remedio foi deixa-los, mas depois é quando eles andarom atirar tiros para cá, eles...é por isso que che eu digo

Comentários:

É curioso a introduccom de castelhanismos, filtrados a través do contacto cos seus vizinhos galegos que o tem incorporado já à sua fala.

As características já ficaram expostas na alínea comparativa do baixo-limião com o português padrão.

Tempo verbal *dixo* em galego (potuguês *disse*)

V.-CONCLUSONS

Algumhas percepçons apontadas já no limiar deste trabalho quedarom constatadas depois de interpretarmos as gravaçons realizadas

- Confirma-se umha unidade lingüística transfronteiriça apreciável no sistema de sibilantes e no léxico e nom tanto nas formas verbais onde coexistem formas do português e do galego (ou português *arcaico*)
- Estes traços fonéticos característicos transmitem-se e mantêm-se nas geraçons mais novas e nom tanto na morfologia e léxico.
- Progressiva míngua da área de extenssom geográfica da fala quanto mais longe da raia ficarem as poboaçons.
- Acomodaçom aos padróns oficiais galegos e portugueses dos falantes mais jovens.

VI.- BIBLIOGRAFÍA

FERNÁNDEZ REY, Francisco, «Dialectoloxía da Lingua Galega». Ed. Xerais. Vigo. 1990. (pp. 56-57 e 135-137)

GIL CONDÉ, Valéria: “Estudio da Morfologia Verbal nas Línguas Galega e Portuguesa”. Universidade de São Paulo- Brasil. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos. Revista Philologus. 2002. [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(15\)28-37.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(15)28-37.html)

LINDLEY CINTRA, Luis F., «Nova Proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses», *BF*, 22, pp 81-116

LORENZO FERNÁNDEZ, Xaquín, «Apuntes de geografia lexicográfica galega. Algunhas verbas d’usanza corrente en Lovios (Ourense)», en *Nós*, XI, 71(1929), 205-206.

LORENZO FERNANDEZ, Xaquín, «Papeletas para un diccionario», en *Nós*, XVI, 121 (1934), 14-16. Recollidas en Lobeira (Limia Baixa).

SCHNEIDER, Hans, «Studien zum Galizischen des Limiabeckens (Orense. Spanien)», em *VKR*, XI (1938), 69-145, 193-281.

VASCONCELLOS, José Leite de, «Linguagens fronteiriças de Hespanha em Portugal», en *RLu*, VII (1902), 133-145.

VASCONCELLOS, José Leite de, «Linguagem de S. Miguel de Lobios.», em *Opúsculos*, IV (1929), 598-613.

VASCONCELLOS, José Leite de, «Linguagem de Ferreiros» [Entrimo], em *Opúsculos*, IV (1929), 666-669.

VKR = *Volkstum und Kultur der Romanen (Sprache, Dichtung, Sitte)*. Vierteljahrsschrift herausgegeben vom Seminar für romanische Sprachen und Kultur an der Hamburgischen Universität. Hamburg.

RLu = *Revista Lusitana*. Arquivo de Estudos Filológicos e Etnográficos relativos a Portugal. Porto / Lisboa.

NÓS = *Nós. Boletín Mensual da Cultura Galega*. Orgao da Sociedade “Nós”. Ourense

BF= Boletim de Filologia, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa